

**ESTUDE COM GRANDES NOMES
COMO RICARDO AMORIM, DANIEL GODRI
E ALEXANDRE SCHWARTSMAN.**

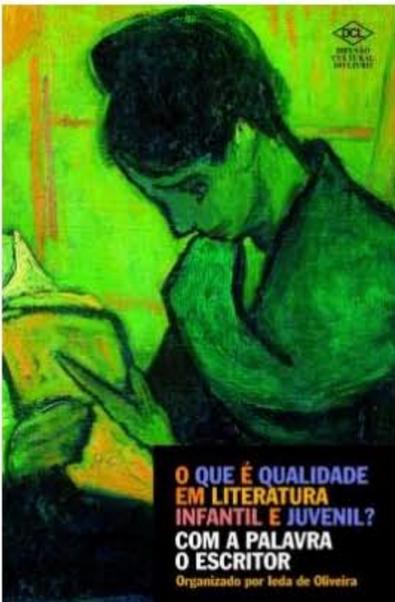
**SAIBA
MAIS.**

PUCRS ESCOLA DE
NEGÓCIOS

A Importância Da Qualidade Em Literatura Infantil E Juvenil

PEDAGOGIA

02/11/2012



O texto que segue é uma breve análise de três artigos que compõem o livro *O que é qualidade em Literatura Infantil e Juvenil: com a palavra o escritor*, organizado por Ieda de Oliveira. Dessa forma, sob a ótica de Aspectos Instigantes da Literatura Infantil e Juvenil, de Ricardo Azevedo, Contrato de Comunicação, Projeto de Comunicação e Qualidade em Literatura Infantil e Juvenil, de Ieda de Oliveira e *A Ficção Falsa*, de Flávio Carneiro os diálogos aqui traçados terão como subterfúgios três questionamentos básicos: qual o papel da escola frente a promoção da leitura? Qual a importância dos contratos estabelecidos entre escritor e leitor na Literatura Infantil e Juvenil? Qual o papel da ficção na Literatura Infantil e Juvenil?

Diante desse contexto, remonte-se na história: a Literatura Infantil e Juvenil é um gênero recentemente novo, que se inicia no século XVIII, neste tempo a imagem da criança passa a ser desvinculado do contexto do adulto e carrega no seu bojo marcas de um processo social, político e ideológico de que emerge: a Revolução Industrial.

É sob esse prisma que instituições como o Estado, a Família e a Escola passam a ter grande influência sobre a criança, Lajolo e Zilberman (2007, p. 16) confirma: A segunda convocada a colaborar para a solidificação política e ideológica da burguesia é a escola. Tendo sido facultativa, e mesmo dispensável até o século XVIII, a escolarização converte-se aos poucos na atividade compulsória das crianças, bem como a frequência à sala de aula, seu destino natural.

Essa obrigatoriedade se justificava como uma lógica digna de nota: postulados à fragilidade e o despreparo dos pequenos, urgia equipá-los para o enfrentamento do mundo [...] a escola se qualifica como espaço de mediação entre a criança e sociedade. É notório que a escola passa a ser um dos principais elos entre a literatura infantil e a criança, mais precisamente o seu contexto social. Desse modo compreende-se que a escola tornou-se assim, um espaço privilegiado na mediação da leitura e na formação de leitores, é nela que iniciamos nossas leituras e estabelecemos conhecimentos.

Sob esta perspectiva Azevedo (2005) corrobora que é na escola que somos treinados a pensar de maneira analítica, reflexiva e objetiva, transformando nossos conceitos que ocorrem de forma mútua, subjetiva, ambígua, mutante, relativa, dialógica, racional e mecânica, adquiridos através dos fenômenos humanos (na relação com o outro). Nesse sentido, sabe-se que a maioria das escolas lida com dificuldades para estabelecer uma relação com seus professores e estes com seus alunos, pois, em sua maioria, os professores não sabem como lidar com os temas da vida concreta e isso se dá devido a falta de suportes necessários para despertar o senso crítico nos alunos e assim, acabam inibindo-os ou passando de forma equivocada as metáforas presentes nos diversos gêneros textuais (quebrando uma espécie de contrato de comunicação) ou se utilizando delas para impor falsas ideologias frente aos acontecimentos reais, suas vivências sociais e camuflando-as.

É sob esta ótica que se faz pertinente discorrer acerca dos conceitos da "análise semiolinguísticas do discurso", conceitos estes que são tratados como fundamentais quando se fala de literatura e especificamente de infantil e juvenil. Para Ieda da mesma forma que um contrato jurídico define "direitos e deveres das partes contratantes", por exemplo, o contrato de comunicação apesar de não ser apresentado por escrito, existe implicitamente as clausuras, que dita as "regras" de quem fala ou escreve e de quem ouve ou ler, tendo estes que serem respeitados não podendo ocorrer trocas de papéis, causando conseqüentemente uma quebra de contratos. Vale ressaltar ainda, que o contrato de comunicação para ter sentido deve ser associado ao gênero textual, sendo este para Ieda "uma categoria de textos" no qual cada um destes apresenta suas características contratuais próprias.

Oliveira (2005) explicita: um noticiário deve trabalhar sempre com a verdade, caso o contrário aconteça, este será responsabilizado por isso, além de perder a credibilidade entre seus leitores, o contrário pode-se ser percebido em literaturas, contos, que são escritos sem dar importância à veracidade dos acontecimentos, como a própria Ieda afirma espera-se que os leitores os leiam com atitude de "faz-de-conta", sem que haja nenhum prejuízo com isso.

Desta forma percebe-se que as clausuras contratuais implícitas em cada tipo de texto são diferentes: enquanto exige necessariamente a verdade, o outro não é um texto fictício. Nesse sentido, Flávio Carneiro esclarece que é através da ficção, e sobretudo no universo das histórias infantis que as crianças começam a "sofrer" o processo de amadurecimento podendo alcançar gradativamente o equilíbrio adulto. Dessa forma, a psicanálise afirma que os significados que são colocados simbolicamente no nosso inconsciente, estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo do seu amadurecimento emocional. Lembra ainda a psicanálise que a criança é levada a se auto identificar com o herói bom e belo, não devido a sua bondade ou a sua beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis, podendo assim superar o medo e os perigos que estão em sua volta.

É sobre esses aspectos (Ficção/Realidade/Contos de fada) que o autor discorre a respeito do que pode ser considerado Literatura Infanto-Juvenil. Flávio utiliza-se do exemplo de Paulo Coelho para explicar que o tipo de "literatura" do autor, é falsa, exatamente por usar uma ficção falsa, pois, escreve livros que segundo Carneiro, não podem jamais serem encaixados no gênero ficcional, já que o autor adota uma narrativa factual, saindo completamente do âmbito da imaginação e da fantasia, podendo assim, ser encaixado no gênero de autoajuda. Se os livros de Paulo Coelho falam sobre a realidade, conseqüentemente não podem ser considerados ficcionais, já que a ficção parte do irreal.

Carneiro (2005, p.66) explica que a ficção necessita, e deve por excelência, despertar a imaginação, confirma: Há nesse tipo de narrativa um convite ao imaginário na forma sedutora de situar a história num tempo e espaço distantes, com cenários, figurinos e personagens que, não por acaso, jamais sairão do terreno privilegiado de nossa fantasia. É notório que a ficção tem influenciado positivamente no âmbito do desenvolvimento da personalidade. Ela proporciona ao jovem leitor um amadurecimento emocional, social e cognitivo, adquirindo uma postura crítico-reflexivo relevante à sua formação social.

Diante do exposto, é necessário conceber que escola, professor tem como parcela significativa despertar a capacidade criadora, crítica, e como afirma Carneiro: Que façamos chover muito. Que as águas levem de vez, numa enxurrada, toda forma perversa de apropriação do imaginário, toda pseudo ficção que se procura vender como pílula mágica para adultos e crianças, e que essas mesmas águas tragam antigas e novas fantasias, capazes de garantir o exercício da imaginação, única garantia de futuro para quem ainda acredita em fadas.

Referências

- AZEVEDO, Ricardo. Aspectos Instigantes da Literatura Infantil e Juvenil. In. *O que é Qualidade em Literatura Infantil e Juvenil? Com a palavra o escritor*. (Org.). 1 ed. São Paulo: DCL, 2005, p. 25-46.
- CARNEIRO, Flávio. *A Ficção Falsa*. In. *O que é Qualidade em Literatura Infantil e Juvenil? Com a palavra o escritor*. (Org.). 1 ed. São Paulo: DCL, 2005, p. 61-76.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Escrever para crianças e fazer literatura*. In. *Literatura Infantil Brasileira: história e histórias*. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 2007. p. 14-20.
- OLIVEIRA, Ieda de. *Contrato de Comunicação, Projeto de Comunicação e Qualidade em Literatura Infantil e Juvenil*. In. *O que é Qualidade em Literatura Infantil e Juvenil? Com a palavra o escritor*. (Org.). 1 ed. São Paulo: DCL, 2005, p. 47-59.



por MARIA DO CARMO S. DE JESUS

Professora de Língua Portuguesa e Literaturas, no Colégio Estadual Luis Eduardo Magalhães e Colégio Estadual Gildásio Penedo. Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XXII; Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Tecnologias e Ciências; Pós-graduanda em Gestão Educacional, Psicopedagogia Clínica e Educação Infantil.

**SEJA UM
COLUNISTA**

